

## **Biografia**

Cassandra Clare nasceu no Irão e passou os seus primeiros anos a viajar pelo mundo com a família e vários baús cheios de livros de fantasia, entre os quais *As Crónicas de Nárnia*. Mais tarde, trabalhou como jornalista em Los Angeles e Nova Iorque, onde reside actualmente.

# **Cassandra Clare**

## A Cidade dos Ossos

Tradução  
José Luís Luna

 Planeta



Grupo  Planeta

Booket é uma chancela de  
PLANETA MANUSCRITO  
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito  
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© 2007, Cassandra Clare  
© 2009, Planeta Manuscrito

Título original: *City of Bones*

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Guidesign

1.ª edição Booket: Maio de 2012

Depósito legal n.º 343 578/12

Impressão e acabamento: Printer Portuguesa

ISBN: 978-989-657-218-1

[www.planeta.pt](http://www.planeta.pt)

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu grupo de trabalho, as Vedetas de Massachusetts: Ellen Kushner, Delia Sherman, Kelly Link, Gavin Grant, Holly Black e Sarah Smith. E também a Tom Holt e Peg Kerr, por me encorajarem antes de haver sequer um livro, e a Justine Larbalestier e Eve Sinaiko por me dizerem o que pensavam quando este foi escrito. À minha mãe e ao meu pai pela sua dedicação, afecto e inabalável crença de que eu acabaria por produzir algo publicável. A Jim Hill e Kate Connor pelo encorajamento e apoio. A Eric pelas motas dos vampiros que funcionam a energia demoníaca e a Elka por ficar melhor de preto do que as viúvas dos seus inimigos. A Theo e Val por criarem belas imagens para acompanhar a minha prosa. Ao meu encantador agente, Barry Goldblatt, e à minha talentosa editora, Karen Wojtyla. A Holly por viver ao longo deste livro comigo e a Josh por fazer que tudo valesse a pena.



*Não tenho dormido.*

*Entre a acção de um acto terrível e o primeiro gesto,  
todo esse intervalo é como um fantasma ou um sonho odioso:  
O Génio e os instrumentos mortais estão nessa altura reunidos;  
e a condição do homem, equiparável a um pequeno reino,  
sofre então a natureza de uma insurreição.*

*William Shakespeare, Júlio César*



PRIMEIRA PARTE

# DESCIDA TENEBROSA



*Cantei o Caos e a Noite Eterna,  
ensinado pela celeste Musa a arriscar  
a descida tenebrosa e a voltar a ascender...*

*John Milton, Paraíso Perdido*

## — PANDEMÓNIO —

– Deves estar a brincar comigo – disse o segurança, cruzando os braços no peito maciço. Baixou os olhos para o rapaz de blusão vermelho e abanou a cabeça rapada. – Não podes trazer essa coisa para aqui.

Os cinquenta e tal adolescentes que faziam fila à porta da Discoteca Pandemónio inclinaram-se para ouvir melhor. Era uma longa espera entrar naquela discoteca para todas as idades, especialmente ao domingo, e, em geral, a bicha pouco se movia. Os seguranças eram ferozes e ameaçavam imediatamente quem parecesse querer armar sarilho. Clary Fray, de quinze anos de idade, acompanhada pelo seu melhor amigo, Simon, inclinou-se juntamente com os demais à espera de um pouco de excitação.

– Vá lá. – O miúdo levantou a coisa por cima da cabeça. Parecia uma estaca de madeira pintada numa ponta. – Faz parte do meu traje.

O segurança franziu o sobrolho.

– Vens vestido de quê?

O rapaz sorriu. *O seu aspecto era suficientemente normal. Para entrar no Pandemónio, pensou Clary. Tinha cabelo azul-eléctrico arrepiado à volta da cabeça como os tentáculos de um polvo espantado, mas nenhuma tatuagem no rosto nem peças metálicas enfiadas nas orelhas ou nos lábios.*

– De caçador de vampiros. – Apoiou a coisa de madeira no chão e esta vergou tão facilmente como uma erva. – Não é verdadeira. É de borracha. Está a ver?

Os grandes olhos do rapaz eram de um verde demasiado brilhante, reparou Clary, da cor de anticongelante, de erva na Primavera. Provavelmente eram lentes de contacto coloridas. O segurança encolheu os ombros, bruscamente farto.

– Tanto faz. Entra lá.

O rapaz passou por ele, rápido como uma enguia. Clary gostou do movimento dos seus ombros, da forma como o cabelo ondulava ao andar. Havia uma palavra que a mãe dela teria usado – *insouciant*<sup>1</sup>.

– Achaste-o giro – disse Simon em tom resignado. – Não achaste?

Clary deu-lhe uma cotovelada nas costelas, mas não respondeu.

O interior estava cheio de fumo frio e seco. Luzes coloridas iluminavam a pista de dança, transformando-a num reino feérico e multicolorido de azuis e verdes-ácidos, tons rosados-quentes e dourados.

As mãos do rapaz de blusão vermelho acariciaram a longa estaca afiada como um punhal, um sorriso ocioso a brincar-lhe nos lábios. Tinha sido tão fácil – uma ponta de magia na estaca para fazê-la parecer inofensiva. Outra ponta de encanto nos olhos e, no momento em que o segurança o tinha olhado de caras, ele já lá estava dentro. Claro que podia provavelmente ter passado sem tanto trabalho, mas fazia parte da diversão – enganar os *mundis*, fazer tudo às claras mesmo diante deles, safar-se perante o olhar inexpressivo das suas caras de carneiro.

Não que os humanos não tivessem a sua utilidade. Os olhos verdes do rapaz percorreram a pista de dança onde membros esguios vestidos de seda e cabedal preto apareciam e desapareciam no interior das rodopiantes volutas de fumo enquanto os *mundis* dançavam. As raparigas agitavam os longos cabelos, os rapazes balançavam as ancas vestidas de

---

<sup>1</sup> Em francês no original: despreocupado. (*N. do T.*)



cabedal e a pele nua reluzia de suor. A vitalidade escorria-lhes dos poros, ondas de energia que o entonteciam como se estivesse embriagado. Retorceu os lábios. Não sabiam a sorte que tinham. Não sabiam o que era sobreviver num mundo morto onde o Sol pendia inerte como cinza. As suas vidas ardiam com tanto brilho como as chamas de uma vela e eram igualmente fáceis de apagar.

A sua mão apertou a estaca que transportava. Encaminhava-se para a pista quando uma rapariga se separou da gente que dançava e começou a andar na direcção dele. Fitou-a. Para ser humano, era linda – cabelo comprido quase da cor de tinta preta, olhos pintados com carvão. Vestido branco até aos pés, do género que as mulheres costumavam usar quando este mundo era mais jovem. Mangas rendadas e largas envolviam-lhe os braços esguios.

À volta do pescoço, uma grossa corrente de prata com um pendente vermelho-escuro do tamanho de um punho de bebé. Teve apenas de franzir os olhos para ver que era verdadeiro – verdadeiro e precioso. A saliva humedeceu-lhe a boca quando ela se aproximou. A energia vital pulsava nela como o sangue de uma ferida. Sorriu ao passar por ele, fazendo-lhe um sinal convidativo com os olhos. Virou-se para a seguir, saboreando o crepitar fantasmagórico da morte dela nos seus lábios.

Era sempre fácil. Já sentia a evaporação da vida dela a correr nas suas veias como fogo. Os humanos eram tão estúpidos. Possuíam algo de tão precioso e mal o protegiam. Desperdiçavam a vida por dinheiro, pelo sorriso encantador de um estranho. A rapariga era um fantasma pálido a afastar-se do fumo colorido. Chegou à parede e virou-se, arregaçando a saia com as mãos e sorrindo-lhe. Calçava botas até às coxas por debaixo da saia.

Ele aproximou-se lentamente, sentindo a pele eriçar-se pela proximidade dela. De perto, não era tão perfeita: notava-se a maquilhagem borrada por baixo dos olhos e o

cabelo colado ao pescoço pelo suor. Conseguia cheirar a sua mortalidade, a doce podridão da corrupção. *Apanhei-te*, pensou.

Um sorriso calmo revirou os lábios dela. Afastou-se então para o lado e ele percebeu que ela estava encostada a uma porta fechada. entrada proibida – armazém estava garantido a tinta vermelha. A rapariga estendeu a mão atrás das costas para alcançar a maçaneta da porta, rodou-a e entrou. Ele viu de relance caixas empilhadas e rolos de fios eléctricos emaranhados. Olhou por cima do ombro – ninguém estava a ver. Se ela desejava privacidade, tanto melhor.

Seguiu-a, sem reparar que estava a ser observado.



– Então – disse Simon. – A música é bastante boa, eh?

Clary não respondeu. Estavam a dançar, ou lá o que lhe chamavam – muito balançar para a frente e para trás com ocasionais mergulhos para o chão da pista como se um deles tivesse perdido as lentes de contacto –, num espaço entre um grupo de adolescentes com corpetes metálicos e um jovem casal asiático abraçado apaixonadamente com os cabelos coloridos emaranhados como gavinhas. Um rapaz com um *piercing* no lábio e uma mochila em forma de urso de peluche estava a distribuir pastilhas de *ecstasy* à borla, as calças de pára-queda a esvoaçar na brisa da máquina de fazer vento. Clary não estava a prestar muita atenção ao que os rodeava – tinha os olhos fitos no rapaz de cabelo azul cuja lábia convencera a segurança a deixá-lo entrar na discoteca. Andava às voltas no meio da multidão como se estivesse à procura de alguma coisa. O modo como ele se movia lembrava-lhe algo...

– Por mim – continuou Simon. – Estou a divertir-me à grande.

Isso parecia pouco provável. Como sempre, Simon, de *jeans* e uma velha *T-shirt* que dizia *Made in Brooklyn* no

peito, fazia-se notar. O seu cabelo recentemente lavado era castanho-escuro em vez de verde ou cor-de-rosa, e os óculos estavam encavalitados meio tortos na ponta do nariz. Parecia menos estar a contemplar as forças das trevas e mais como se estivesse a caminho de um clube de xadrez.

– Mmm-hmm. – Clary sabia perfeitamente que Simon a acompanhava ao Pandemónio somente porque ela gostava e que achava aquilo chato. Ela nem sequer tinha a certeza porque gostava – as roupas e a música tornavam-no um sonho, a vida de outra pessoa e não a monotonia da sua vida de todos os dias. Mas era demasiado tímida para falar com outra pessoa a não ser Simon.

O rapaz de cabelo azul abandonou a pista de dança. Parecia um pouco perdido, como se não tivesse encontrado quem andava à procura. Clary perguntou-se o que aconteceria se ela fosse ter com ele e se oferecesse para lhe fazer companhia. Talvez ficasse apenas espedado a olhar para ela. Se calhar também era tímido. Ou, então, talvez apreciasse o gesto dela e tentasse não o demonstrar, como os rapazes costumavam fazer, mas ela haveria de dar-se conta. Talvez...

De repente, o rapaz de cabelo azul pareceu mais atento, como um perdigueiro a farejar caça. Clary seguiu a direcção do olhar dele e viu a rapariga vestida de branco.

*Oh, bem,* pensou, tentando não se sentir esvaziar como um balão numa festa. *Acho que é por causa dela.* A rapariga era linda, o género de rapariga que Clary gostaria de desenhar – alta e esbelta com cabelos compridos pretos. Até mesmo à distância a que se encontrava, Clary conseguia distinguir o pendente vermelho à volta do seu pescoço. Palpitava à luz da pista de dança como um coração desencarnado.

– Sinto que – continuou Simon –, esta noite, o *disc-jockey* Bat está a fazer um trabalho singularmente excepcional. Não concordas?

Clary revirou os olhos e não respondeu. Simon odiava música transe. A atenção dela estava concentrada na rapa-

riga de vestido branco. Através da escuridão e do nevoeiro artificial, o vestido claro brilhava como um farol. Não admirava que o rapaz de cabelo azul a seguisse como enfeitiçado, demasiado distraído para reparar no que se passava à sua volta – sem mesmo se dar conta das duas formas sombrias que, serpenteando por entre a multidão, iam atrás dele.

Clary abrandou o ritmo e ficou a ver. Mal conseguia distinguir que os dois vultos eram rapazes, altos e vestidos de preto. Não podia afirmar como sabia que seguiam o outro, mas sabia-o. Via como se deslocavam, a sua cautelosa vigilância, a graciosidade furtiva dos seus movimentos. Uma pequena flor de apreensão começou a desabrochar no peito dela.

– Entretanto – acrescentou Simon –, queria informar-te de que, ultimamente, me tornei travesti. E que também ando a dormir com a tua mãe. Acho que é melhor saberes.

A rapariga tinha chegado à parede e abria uma porta marcada com um aviso a dizer ENTRADA PROIBIDA. Fez sinal ao rapaz de cabelo azul e ambos entraram. Não era nada que Clary já não tivesse visto, casais a esgueirarem-se para cantos escuros da discoteca para fazer marmelada – mas o mais estranho era estarem a ser seguidos.

Pôs-se em bicos dos pés, tentando ver por cima da multidão. Os dois tipos tinham parado à porta e pareciam estar a conferenciar um com o outro. Um era louro e o outro tinha o cabelo escuro. O louro levou a mão ao blusão e tirou um objecto longo e afiado que reluziu à luz estroboscópica. Um punhal.

– Simon! – gritou Clary, agarrando-lhe no braço.

– O que foi? – Simon pareceu alarmado. – Não ando a dormir com a tua mãe, estás a perceber? Estava só a tentar chamar a tua atenção. Não é que, para a idade que tem, ela não seja uma mulher atraente.

– Estás a ver aqueles tipos? – Apontou freneticamente, quase acertando numa rapariga negra toda às curvas que

dançava por perto. A rapariga lançou-lhe um olhar severo.  
– Desculpe... desculpe! – Clary voltou-se para Simon. – Estás a ver aqueles gajos ali? Junto à porta?

Simon olhou pelo canto do olho e, depois, encolheu os ombros.

– Não estou a ver nada.

– São dois. Estão a seguir o tipo de cabelo azul...

– Aquele que tu achaste giro?

– Sim, mas a questão não é essa. O louro puxou de uma faca.

– Tens a certeza? – Simon olhou mais atentamente, abanando a cabeça. – Continuo a não ver ninguém.

– Tenho a certeza absoluta.

Subitamente sério, Simon endireitou os ombros.

– Vou chamar um segurança. Espera aqui por mim. – Afastou-se, abrindo caminho por entre a multidão.

Clary virou-se a tempo de ver o louro esgueirar-se pela porta com o amigo atrás. Olhou à sua volta; Simon continuava a tentar atravessar a pista, mas não avançava quase nada. Mesmo que, agora, ela gritasse, ninguém a ouviria e, quando Simon voltasse, algo terrível *já* poderia ter sucedido. Mordendo o lábio inferior com força e contorcendo-se, Clary abriu caminho por entre a multidão.



– Como é que te chamas?

Ela virou-se e sorriu. A pouca luz que iluminava a sala de arrumações entrava pelas altas e poeirentas janelas com grades. Montes de cabos eléctricos juntamente com pedaços partidos de bolas espelhadas de discoteca e latas de tinta vazias juncavam o chão.

– Isabelle.

– Bonito nome. – Ele aproximou-se, avançando cuidadosamente por entre os fios para o caso de estes ainda estarem

activos. À luz bruxuleante, ela parecia transparente; sem cor, envolta de branco como um anjo. Seria um prazer provocar-lhe a queda... – Nunca te vi por aqui.

– Estás a perguntar-me se venho cá muitas vezes? – Soltou um risinho, tapando a boca com a mão. Tinha uma espécie de pulseira no braço, mesmo por baixo do punho da manga... mas, ao aproximar-se, viu que não era uma pulseira, mas uma tatuagem no pulso, uma matriz de linhas sinuosas.

Deteve-se.

– Tu...

Não terminou. Ela moveu-se com a rapidez de um relâmpago, acertando-lhe com a mão aberta, um golpe no peito que lhe tiraria o fôlego se ele fosse um ser humano. Cambaleou. Agora, havia algo na mão da rapariga, um chicote ondulante que faiscou com reflexos dourados quando ela o abateu, enrolando-lhe os tornozelos e desequilibrando-o. Caiu no chão, contorcendo-se, o odiado metal entranhando-se na carne. De pé por cima do rapaz, ela soltou uma gargalhada e ele, meio atordoado, pensou que deveria ter-se apercebido. Nenhuma humana usaria um vestido como o dela. Vestia-o para tapar a pele – toda a pele.

Isabelle puxou o chicote com força e o seu sorriso cintilou como água venenosa.

– É todo vosso, rapazes.

Um riso surdo soou atrás dele; mãos agarraram-no, pondo-o de pé e atirando-o contra uma das colunas de cimento. Sentiu a pedra húmida nas costas. Puxaram-lhe os braços para trás e amarraram-lhe os pulsos com fios eléctricos. Enquanto se debatia, alguém deu a volta à coluna e surgiu no seu campo de visão: um rapaz tão jovem e bonito como Isabelle. Os seus olhos de animal feroz brilhavam como âmbar.

– Então – perguntou. – Há muitos mais contigo?

O rapaz de cabelo azul sentiu o sangue a pulsar por debaixo dos fios demasiado apertados, tornando os pulsos escorregadios.

- Mais o quê?
- Vá lá. - O rapaz com olhos de animal feroz ergueu as mãos e as mangas escuras escorregaram, revelando caracteres rúnicos<sup>1</sup> nos pulsos, nas costas e nas palmas das mãos.
- Sabes quem sou.  
No fundo do crânio, a segunda dentadura do rapaz amarrado começou a ranger.
- Um *Caçador de Sombras* - silvou por entre os dentes.  
Um sorriso estampou-se no rosto do outro.
- Apanhei-te - disse.



Clary empurrou a porta da sala de arrumações e entrou. Por um instante, pensou que estava deserta. As únicas janelas estavam muito altas e tinham grades; distantes ruídos da rua chegavam-lhe aos ouvidos: o buzinar de carros e o guinchar de travões. A sala cheirava a tinta antiga e uma espessa camada de poeira calcada com marcas de sapatos cobria o chão.

*Não há aqui ninguém*, apercebeu-se, olhando em redor com espanto. Apesar do calor de Agosto lá fora, fazia frio na sala. As suas costas estavam geladas de suor. Deu um passo em frente, tropeçando nos fios eléctricos. Baixou-se para soltar o pé dos cabos e ouviu vozes. O riso de uma rapariga e a resposta cortante de um rapaz. Ao endireitar-se, viu-os.

Era como se tivessem surgido de repente, entre um piscar de olhos e o seguinte. Havia a rapariga de vestido branco comprido, o cabelo preto pendendo-lhe ao longo das costas como algas húmidas. Os dois rapazes acompanhavam-na - o alto de cabelo preto como o dela e o louro mais baixo cujo cabelo brilhava como cobre à luz fraca que penetrava atra-

---

<sup>1</sup> Derivados do latim e do grego, estes caracteres, as runas, foram usados por povos germânicos em tempos medievais. (*N. do T.*)

vés das janelas no alto. O louro estava de pé com as mãos nos bolsos em frente do rapaz *punk*, o qual, de mãos presas atrás das costas e pernas e pés manietados, estava amarrado à coluna com o que parecia serem cordas de piano. O seu rosto manifestava dor e medo.

Com o coração a bater-lhe no peito, Clary escondeu-se atrás da coluna de cimento mais perto e pôs-se à espreita. Viu o louro começar a andar de um lado para o outro de braços cruzados no peito.

– Ainda não me disseste se há mais gente da tua espécie contigo.

*Da tua espécie?* Clary perguntou-se do que é que ele estaria a falar. Se calhar estava a presenciar uma guerra entre bandos.

– Não sei o que estás para aí a dizer. – O tom de voz do rapaz de cabelo azul era amargo, mas irritado.

– Refere-se a outros demónios – atalhou o rapaz de cabelo preto, falando pela primeira vez. – Sabes o que é um demónio, não sabes?

O rapaz amarrado à coluna virou o rosto, resmungando.

– Demónios – repetiu o louro em voz arrastada, traçando a palavra no ar com um dedo. – Religiosamente definidos como habitantes do inferno, servidores do Diabo, mas entendidos aqui, para os propósitos da Clave, como qualquer espírito malévolos cuja origem é exterior à nossa própria dimensão...

– Basta, Jace – interrompeu-o a rapariga.

– A Isabelle tem razão – concordou o rapaz mais alto. – Ninguém precisa aqui de uma lição de semântica... ou de demonologia.

*São loucos*, pensou Clary. *Loucos de verdade*.

Jace ergueu a cabeça e sorriu. Havia uma certa ferocidade no seu gesto, algo que lhe lembrou os documentários que tinha visto sobre leões no canal Discovery; como os felinos erguiam a cabeça e farejavam o ar em busca de uma presa.

– A Isabelle e o Alec acham que falo de mais – disse ele em tom confidencial. – Também achas que falo de mais?



O rapaz de cabelo azul não respondeu. Ainda resmungava.

– Posso dar-lhes informações – disse. – Sei onde o Valentine está.

Jace olhou para Alec que encolheu os ombros.

– O Valentine está enterrado – disse Jace. – A coisa está a divertir-se à nossa custa.

Isabelle sacudiu a cabeça.

– Mata-o, Jace – disse ela. – Não nos vai contar nada.

Jace ergueu a mão e Clary distinguiu uma vaga faísca ressaltar do punhal que ele empunhava. Era estranhamente transparente: a lâmina clara como cristal, afiada como um estilhaço de vidro, o cabo cravejado de pedras vermelhas.

O rapaz amarrado arquejou.

– O Valentine voltou! – protestou, debatendo-se com os laços que lhe atavam as mãos atrás das costas. – Todos os Mundos Infernais sabem disso... Eu sei... Posso dizer-lhes onde ele se encontra...

A raiva flamejou subitamente nos olhos frios de Jace.

– Por amor do Anjo, sempre que capturamos um de vós, bastardos, clamam sempre que sabem onde está o Valentine. Bem, também sabemos onde está. Está no inferno. E tu...

– Jace virou o punhal que segurava, o fio da lâmina cintilando como fogo. – Podes ir para lá fazer-lhe companhia.

Clary não aguentou mais e saiu de detrás da coluna.

– Parem! – gritou. – Não podem fazer isso.

Jace rodopiou sobre si mesmo, tão espantado que o punhal lhe voou da mão e caiu no chão de cimento. Isabelle e Alec viraram-se com idênticas expressões de espanto; e o rapaz de cabelo azul ficou suspenso nos fios que o prendiam, atónito e arquejante.

Alec foi o primeiro a falar.

– O que é isto? – perguntou, olhando de Clary para os seus companheiros, como se estes soubessem o que ela estava ali a fazer.

– É uma rapariga – disse Jace, recuperando a compostura.  
– Certamente que já viste outras raparigas, Alec. A tua irmã Isabelle é uma delas. – Deu um passo em direcção de Clary, os olhos meio fechados como se não pudesse acreditar no que estava a ver. – Uma *mundi* – murmurou, meio para si mesmo. – E consegue ver-nos.

– É evidente que consigo vê-los – protestou Clary. – Não sou cega...

– Oh, mas és, sim – disse Jace, dobrando-se para apanhar o punhal. – Só que não te dá conta. – Endireitou-se. – Para teu bem, o melhor é saíres daqui.

– Não vou a lado nenhum – ripostou Clary. – Senão vocês matam-no – acrescentou, apontando para o rapaz de cabelo azul.

– Tens razão – admitiu Jace, fazendo girar o punhal entre os dedos. – O que te importa se eu o matar ou não?

– Por... que... – gaguejou Clary. – Não podes andar por aí a matar pessoas.

– Tens razão – concedeu Jace. – Não se pode andar por aí a matar *peessoas*. – Apontou para o rapaz de cabelo azul cujos olhos estavam semicerrados. Clary perguntou-se se ele não teria desmaiado. – Não é uma pessoa, minha pequenina. Pode parecer que é, falar como tal e até mesmo sangrar como uma pessoa. Mas é um monstro.

– *Jace* – advertiu-o Isabelle. – Basta.

– És maluco – disse Clary, recuando. – Chamei a polícia, sabes... Devem estar a chegar de um momento para o outro.

– Ela está a mentir – disse Alec, mas havia uma expressão de dúvida no seu rosto. – Jace, pensas...

Não chegou a terminar a frase. Nesse preciso momento, o rapaz de cabelo azul conseguiu soltar-se com um grito estridente e atirou-se a Jace, arremessando-o ao chão.

Ambos rolaram agarrados um ao outro, o rapaz de cabelo azul esgatanhando Jace com mãos que brilhavam como se tivessem metal na ponta dos dedos. Clary recuou ainda mais

e pensou em fugir, mas tropeçou num cabo e deu uma queda que lhe cortou a respiração. Ouviu Isabelle a gritar e, rolando sobre si mesma, viu o rapaz de cabelo azul sentado no peito de Jace. O sangue reluzia na ponta das suas garras afiadas como navalhas.

Alec e Isabelle, de chicote na mão, corriam para eles. De garras estendidas, o rapaz de cabelo azul golpeava Jace enquanto este, de braços levantados, tentava defender-se. O sangue jorrava. O chicote de Isabelle abateu-se nas costas do rapaz de cabelo azul que, soltando um grito, caiu de lado.

Rápido como uma chicotada de Isabelle, Jace rolou de punhal em punho e cravou-o no peito do rapaz de cabelo azul. Líquido escuro fervilhou à volta do cabo e o rapaz de cabelo azul contorceu-se no chão. Jace levantou-se com um esgar. A sua camisa preta, molhada de sangue, estava agora coberta de nódoas ainda mais pretas. Olhou para a forma que se contorcia a seus pés e, estendendo a mão, puxou o punhal. O cabo estava encharcado de líquido negro.

Os olhos do rapaz de cabelo azul entreabriram-se e, fitos em Jace, pareciam arder. Silvou por entre os dentes

– *Assim seja. O Abandonado há-de levá-los a todos.*

Jace pareceu soltar um grunhido. Os olhos do rapaz de cabelo azul reviraram-se e o seu corpo começou a contorcer-se enquanto mirrava, tornando-se cada vez mais pequeno até desaparecer completamente.

Soltando-se do cabo ao pontapé, Clary levantou-se a custo. Recuou. Ninguém lhe prestava atenção. Alec segurava o braço de Jace e puxava-lhe a manga, provavelmente para tentar examinar a ferida. Clary virou-se para fugir a correr, mas Isabelle, de chicote na mão, barrou-lhe a passagem. A ponta dourada do chicote estava manchada de líquido negro e, com um pequeno gesto do pulso, ela fê-lo enrolar-se à volta do pulso de Clary que soltou um gemido de dor e surpresa.

– Estúpida *mundi* pequenina – disse Isabelle entredentes.

– Podias ter feito com que o Jace morresse.

– Ele é louco – disse Clary, tentando libertar o pulso. O chicote mordeu-lhe a pele ainda mais profundamente.  
– Vocês são todos loucos. O que é que julgam que são, vigilantes assassinos? A polícia...

– Normalmente, a polícia não se interessa a não ser que lhes mostres um cadáver – disse Jace. Agarrado ao braço, avançou por entre os cabos no chão em direcção de Clary. Alec seguia-o com ar zangado.

Clary lançou um olhar ao local onde o corpo do rapaz tinha desaparecido e calou-se. Não havia uma única mancha de sangue – nada que provasse que o rapaz alguma vez tivesse existido.

– No caso de queres saber – explicou Jace. – Retornam à sua dimensão original ao morrer.

– Jace – admoestou-o Alec. – Tem cuidado.

Jace largou o braço. Uma macabra mancha de sangue marcava-lhe o rosto. Com os seus olhos claros afastados e cabeleira fulva, ele ainda lhe lembrava um leão.

– Ela consegue ver-nos, Alec – disse ele. – Já sabe de mais.

– O que queres então que eu faça com ela? – perguntou Isabelle.

– Deixa-a ir-se embora – disse calmamente Jace. Isabelle lançou-lhe um olhar surpreendido e quase irritado, mas não discutiu. Puxou o chicote, libertando o braço de Clary. Esta esfregou o pulso dorido, perguntando-se como raio é que iria sair dali.

– Talvez devêssemos levá-la connosco – sugeriu Alec.

– Aposto que o Hodge gostaria de falar com ela.

– Nem pensar levá-la para o Instituto – opôs-se Isabelle.

– É uma *mundi*.

– Será que é? – disse docemente Jace. O seu tom calmo era pior do que a brusquidão de Isabelle ou o mau humor de Alec. – Já tiveste relações com demónios, minha pequenina? Andaste metida com feiticeiros ou falaste com os Filhos da Noite...

– O meu nome não é *pequenina* – interrompeu Clary.  
– E não faço ideia do que estás a falar. – *Ah, não?*, disse uma voz no fundo da sua cabeça. *Viste o rapaz desaparecer sem deixar traço. O Jace não é maluco... tu é que preferirias que ele fosse.* – Não acredito em demónios... ou no que quer que tu...

– Clary? – Era a voz de Simon. Virou-se. Estava à porta da sala de arrumações. Um dos corpulentos seguranças que carimbava as mãos dos adolescentes à entrada encontrava-se ao lado dele. – Estás bem? – Examinou-a através da obscuridade. – O que estás aqui a fazer sozinha? O que aconteceu aos gajos com as facas?

Clary fitou-o e, depois, olhou para trás, onde Jace, Isabelle e Alec estavam. Jace ainda de camisa ensanguentada e de punhal na mão. Ele sorriu-lhe e, meio desculpando-se, meio por troça, encolheu os ombros. Pelos vistos, não estava admirado que nem Simon, nem o segurança, dessem pela sua presença.

De certo modo, Clary também não. Virou-se lentamente para Simon, apercebendo-se da figura que devia fazer ali sozinha numa sala de arrumações húmida com os pés emaranhados em cabos de cor viva.

– Julguei que tivessem entrado aqui – disse desajeitadamente. – Desculpa. – Lançou um olhar a Simon, cuja expressão preocupada estava a mudar para embaraçada, e ao segurança, que parecia apenas irritado. – Enganei-me.

Atrás dela, Isabelle soltou um risinho.



– Não posso acreditar – insistiu teimosamente Simon enquanto Clary, no passeio, tentava desesperadamente chamar um táxi. Os encarregados municipais de limpeza tinham passado há pouco e a Rua Orchard brilhava de água escura e oleosa.

– Pois – concordou ela. – Também julguei que houvesse *alguns* táxis livres. Para onde vai toda a gente num domingo

à noite? – Virou-se para Simon, encolhendo os ombros.

– Achas que teremos mais sorte na Rua Houston?

– Não me refiro aos táxis. Estou a falar do que me contaste. Não acredito que esses gajos com facas tenham desaparecido sem mais nem menos.

Clary suspirou.

– Se calhar não havia nenhuns gajos armados com facas, Simon. Talvez eu tivesse apenas imaginado tudo isso.

– Nem pensar. – Simon acenou com a mão, mas os táxis continuavam a passar velozmente por ele, salpicando-o de água suja. – Vi a cara que fazias quando entrei naquela sala de arrumações. Estavas completamente passada, como se tivesses visto um fantasma.

Clary pensou em Jace com os seus olhos de leão. Olhou para o pulso marcado por um vinco vermelho onde a ponta do chicote de Isabelle se tinha enrolado. *Não, não eram fantasmas*, pensou. *Tratava-se de algo ainda mais esquisito que isso.*

– Foi apenas um engano – disse em tom fatigado. Perguntou a si mesma por que não lhe contava a verdade. Excepto, claro está, que ele julgaria que ela enlouquecera. E havia algo acerca do que tinha acontecido... algo que tinha a ver com aquele sangue negro a borbulhar à volta do punhal de Jace e a voz deste ao perguntar: *Já falaste com os Filhos da Noite?*, que ela não queria mencionar.

– Bem, foi o raio de um engano bastante embaraçoso – disse Simon, lançando um olhar à discoteca onde, à entrada, serpenteava uma bicha que chegava até metade do quarteirão. – Duvido que voltem a deixar-nos entrar.

– E a ti o que te importa? Detestas o Pandemónio. – Clary tornou a acenar com a mão quando uma forma amarela surgiu de repente no meio do nevoeiro. Vinha na direcção deles e, desta vez, o táxi travou na esquina onde se encontravam.

– Finalmente, tivemos sorte! – exclamou Simon, abrindo a porta e sentando-se no banco de trás. Clary juntou-se a

ele, inalando o familiar odor a tabaco, cabedal e laca para o cabelo dos táxis nova-iorquinos. – Vamos para Brooklyn – disse Simon ao taxista, voltando-se depois para Clary. – Sabes muito bem que podes contar-me tudo.

Clary hesitou uns instantes, mas, depois, assentiu com a cabeça.

– Claro, Simon. Eu sei.

Fechou a porta e o táxi arrancou através da noite.